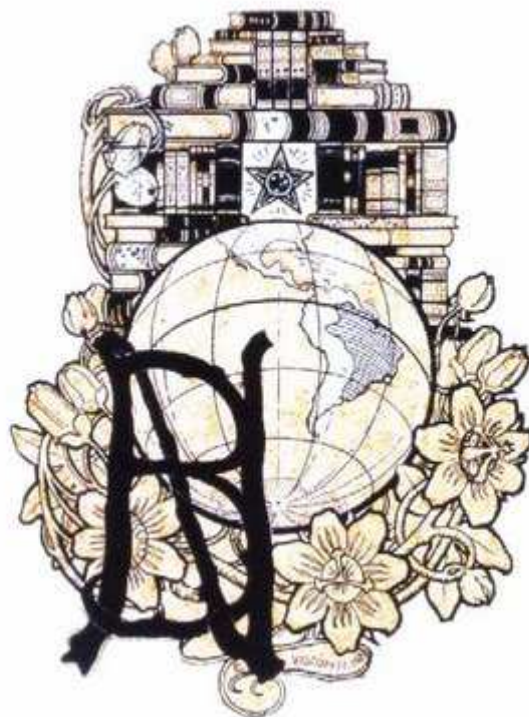


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2007

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC

Flávia Roncarati Gomes



As fontes documentais nos relatos e descrições de viagens do mineralogista José Vieira Couto: os caminhos para as minas e a Estrada Real (século XIX)

2007

À minha mãe, Nora Roncarati Gomes.

Introdução

Nos inícios do século XVIII a documentação escrita sobre as minas de ouro e de prata, existentes no território brasileiro, era composta, algumas vezes, por relatos de viagens e registros cartográficos que continham informações sobre os roteiros dos caminhos para as minas, assinalando os postos de controle, quartéis, acidentes geográficos e passagens dos rios.

Com a transferência da Família Real portuguesa para o Brasil, sendo o desembarque no Rio de Janeiro em março de 1808, e a abertura dos portos às nações amigas, em 1809, o século XIX teve como característica a acolhida de inúmeros viajantes europeus, destacando-se entre eles, Carl Friedrich von Martius, Johann Baptist von Spix, Johann Moritz Rugendas, Johann Emanuel Pohl, Thomas Ender, Wilhem Ludwig von Eschwege, Auguste de Saint-Hilaire, John Mawe, Richard Burton e José Vieira Couto, entre outros. Esses viajantes, a serviço do Estado português ou por vontade própria, seguiram os caminhos para as minas, com o intuito de descrever, em seus relatos de viagens, o perfil deste território, edificar caminhos e rotas, descobrir as minas de ouro, prata e pedras preciosas, e conhecer a natureza e suas riquezas.

O descobrimento do ouro das Minas Gerais (denominação dada ao distrito correspondente à parte da bacia do alto rio Doce) contribuiu para a abertura dos chamados caminhos reais para as minas, alcançando primeiramente as regiões de Sabará, Ouro Preto e Piranga, e as cabeceiras dos rios das Velhas, das Mortes e Doce.

Este trabalho tem como finalidade expor as descrições e os relatos de viagens produzidos nos inícios do século XIX pelo mineralogista José Vieira Couto (1752-1827), brasileiro, nascido no Tejuco (Diamantina, Minas Gerais). Ao percorrer as trilhas e estradas para as minas, V. Couto compilou várias informações que foram usadas para compor os seus relatos e descrições de viagens, que descrevem, sobretudo, as características do território, do clima e das produções metálicas da capitania de Minas Gerais.

Essas trilhas e estradas para as minas foram exploradas no percurso dos marcos físicos representados pelos 'caminhos'. Nesses caminhos das minas era feito o controle de mercadorias, a cobrança dos impostos de entrada, tributados nos registros instalados em áreas próximas à saída das minas, e cobrança de tributos sobre os animais que eram levados de uma capitania para a outra.

No século XIX, para os viajantes desta época, o Caminho Novo, e em particular o Caminho do Inhomirim ou via do Proença, era o meio que apresentava menores dificuldades, a partir do Rio de Janeiro, para chegar às terras de Minas Gerais, de Goiás e do Mato Grosso. O Caminho Novo, que ligava o Rio de Janeiro à antiga Vila Rica (Ouro Preto) tinha duração de cerca de 30 dias. Este caminho foi também conhecido pelo nome de *Estrada Real*.

Já o Caminho Velho ligava Parati à Vila Rica (Ouro Preto). O Caminho Velho ou Caminho Velho do Rio de Janeiro, realizado a partir do Rio de Janeiro, ia por mar até Parati e durava cerca de 74 dias.

O Caminho dos Diamantes, que ligava Ouro Preto ao Tejuco (Diamantina), foi o mais explorado por José Vieira Couto, que em seus relatos de viagens apresentou descrições minuciosas sobre a flora, as paisagens, os núcleos urbanos, atividades na área de mineração e o modo de vida dos habitantes encontrados em seus trajetos.

Esses três grandes caminhos foram controlados pela Coroa Portuguesa e se tornaram as primeiras estradas oficiais do Brasil, ligando Parati, Rio de Janeiro e o Arraial do Tejuco (Diamantina) à região de Vila Rica (Ouro Preto).

A *Estrada Real* foi o lugar de viajantes, cientistas, bandeirantes, escravos, tropeiros, boiadeiros, inconfidentes e representantes da Coroa, hoje imortalizados pela memória do povo que habita suas margens. Nos dias de hoje possui cerca de 1500 km de extensão e passa por 177 municípios nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Atualmente é a rota turística que liga Diamantina, em Minas Gerais, a Parati, no Rio de Janeiro, ou as terras Altas da Mantiqueira à Serra do Cipó, em Minas.

José Vieira Couto: um ilustre e pouco conhecido viajante do século XIX

José Vieira Couto nasceu em agosto de 1752 no Tejuco (Diamantina, Minas Gerais). Era filho de portugueses e estudou filosofia e matemática na Universidade de Coimbra, em Portugal. Vieira Couto foi influenciado pelo Iluminismo, movimento que se difundiu na Europa (segunda metade do século XVIII) e que tinha como princípio o uso da razão para a compreensão da sociedade e da natureza. Do acervo de sua biblioteca constam obras de Montesquieu, Horácio, Boileau, d'Alembert e do abade François G. Raynal.

No ano de 1799, a rainha d. Maria I (1734-1816) designou J.V. Couto para empreender uma viagem para a comarca do Serro do Frio, situada ao norte de Minas Gerais, com a finalidade de “dar uma exata relação dos metais desta comarca e dos interesses régios que dos mesmos se poderiam esperar.”¹

Além das observações mineralógicas e metalúrgicas referentes à comarca do Serro do Frio, incluindo estudos, entre outros, sobre as ocorrências naturais de salitre de Monte Rorigo, nas cercanias da barra do Paraúna e do rio das Velhas, V. Couto fez um relato de viagem com duração de sete dias, iniciada em 7 de abril de 1800, do Tejuco a Vila Rica, pelo Caminho do Mato Grosso, que seguia o leste da Grande Serra (Serra do Espinhaço), e ia sempre fraldejando até Vila Rica, situada na encosta ocidental da mesma serra. No retorno, de Vila Rica ao Tejuco, V. Couto seguiu pelo Caminho do Campo ou ao poente da Grande Serra, viajando durante oito dias. A Grande Serra se distingue das demais por cortar toda a capitania de Minas Gerais do sul ao norte. José Vieira Couto relatou também os itinerários de Vila Rica ao rio São Francisco (14 dias) e do Rio São Francisco até o rio Abaeté (12dias).

Por ordem do governador José de Lorena, V. Couto empreendeu uma outra expedição, iniciada em 24 de abril de 1800, até as regiões dos sertões do Abaeté, descritos com o nome

de Nova Lorena Diamantina. Essa viagem tinha como finalidade verificar se eram verdadeiras as notícias sobre a existência de diamantes, ouro e prata naquela região.

Dentre as memórias de J. V. Couto, todas elas referentes à capitania de Minas Gerais, a primeira foi escrita em 3 de janeiro de 1799, no Tejuco, e teve como título *Memória sobre a capitania de Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas; sobre a necessidade de se restabelecer e animar a mineração decadente do Brasil; sobre o comércio e exportação de metais e interesses régios, com um apêndice sobre os diamantes e nitro natural*.

O acervo do setor de manuscritos da Biblioteca Nacional possui duas cópias manuscritas desta *Memória sobre a capitania de Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas ...* (referências 5, 1, 42 e 1, 1, 5).

A obra (ref. 5, 1, 42) que contém a *Memória sobre a capitania de Minas Gerais...* é denominada de *Extratos de Memória*. É um texto incompleto, não constando a mensagem à rainha d. Maria I. Esta memória tem início à p. 125 e finaliza à p. 176. Da p. 1 até a p. 119 refere-se à memória sobre a *Comissão de Nápoles pelo chefe de divisão D. Campbell*.²

A outra cópia é um livro pequeno, de edição de luxo, verde com filetes dourados (ref. 1,1,5). Este texto está completo e contém a mensagem à rainha d. Maria I. Esta memória tem início à p. 1 e finaliza à p. 105.

O original da *Memória sobre a capitania de Minas Gerais...* está perdido, não sendo encontrado nem nos arquivos portugueses.³

A *Memória sobre a capitania de Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas ...*, escrita em 1799, possui três partes. A primeira parte enfoca o território, o clima e as produções metálicas (ouro, prata, ferro, cobre, chumbo, estanho, enxofre, caparrosa e nitro). A segunda parte descreve o estado atual e decadente da mineração do Brasil: a necessidade de uma arte nacional metalúrgica e de animar a mineração, erigindo-se fundições de ferro e removendo obstáculos. A terceira parte disserta sobre o comércio e exportação dos metais, estabelecendo canais e boas estradas de terra e enfatiza os interesses régios. Finaliza com um apêndice sobre diamantes e nitro natural.

A segunda memória, escrita em 20 de novembro de 1801, e denominada *Memória sobre as minas da capitania de Minas Gerais: suas descrições, ensaios e domicílios; à maneira de itinerário com um apêndice sobre a Nova Lorena Diamantina, suas descrições, suas produções mineralógicas e utilidades que deste país possam resultar ao Estado*, foi publicada pela primeira vez pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, no Rio de Janeiro, pela Tipografia Universal de Laemmert, em 1842. O setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional possui uma resumo desta memória, intitulada *Memória do dr. José Vieira Couto sobre as minas do Abaeté*. Esta memória contém 11 p. (ref. I, 47, 26, 10).

A terceira memória, denominada *Memória sobre as salitreiras de Monte Rorigo: maneira de auxiliá-las por meio das artificiais: refinaria de potassa ou salitre*, foi escrita em 1803 e impressa em 1809 pela Impressão Régia, no Rio de Janeiro. Esta memória consta do acervo do setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional e contém 61 p. (ref. 37, 2,9).

O trecho selecionado, com a ortografia e pontuação modernizadas, reproduzido a seguir, refere-se à segunda parte da *Memória sobre a capitania de Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas...* (estado atual e decadente da mineração do Brasil e necessidade de remover obstáculos). Esta transcrição diz respeito à obra manuscrita existente no acervo do setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional (ref. 1, 1, 5), já citada.

Arte metalúrgica nacional (p.42 a 44):

É conveniente que aquela parte do povo, que se deve ocupar de um certo gênero de profissão, a conheça o melhor que puder ser, e quanto mais relevante for o interesse que daqui deve resultar para o Estado, tanto mais este mesmo Estado se deve interessar em que esta classe de homens seja instruída...

A metalurgia mecânica ensina o método de abrir e trabalhar as minas e deve principiar por dar uma idéia geral da mineralogia, fazendo conhecer ao mineiro a classe das pedras, distinguir os seus gêneros e suas principais espécies; fazendo conhecer os minerais, os sais, os enxofres, os metais e, da mesma maneira, distinguir as espécies de cada um deles; dos fósseis fazendo ver o que é petrificado e o que é concreto; enfim, o que é terra e as espécies de cada um destes gêneros: tudo isto com brevidade e não multiplicando espécies, como fazem os mineralógicos. É indispensável a precisão de conhecer e distinguir o mineiro os corpos que devem formar todo o objetivo da sua profissão.

Opondo-se às derrubadas dos matos nos arredores do povoado (p.67 a 69):

Parece que já é tempo de se atentar nestas preciosas matas, nestas amenas selvas que o cultivador do Brasil, com o machado em uma mão e com o tição na outra, ameaça-as de um total incêndio e desolação. Uma agricultura bárbara e, ao mesmo tempo, muito mais dispendiosa tem sido a causa deste geral abrasamento. O agricultor olha ao redor de si para duas ou mais léguas de matas como para um nada, e, ainda a não as tem bem reduzidas a cinzas, já estende ao longe a vista para levar a destruição a outras partes; não conserva apego nem amor ao território que cultivava, pois conhece muito bem que ele talvez não chegará a seus filhos; a terra da sua parte não se ri para ele, ... e a madeira de construção se vai buscar já muito ao longe.

Considerações finais

José Vieira Couto, em suas memórias, escreveu relatos detalhados sobre mineralogia e sobre as minas, existentes na capitania de Minas Gerais, no século XIX. O autor percorreu mais de duzentas léguas em suas viagens, e seus relatos apontam para o lugar das minas, descrevem a qualidade do terreno, as direções das serras e das águas. Ele enfatizou também, em seus escritos que a capitania de Minas Gerais, apesar de tão rica em seus inúmeros recursos úteis ao Estado e aos particulares, se encontrava, nesta época, em desamparo e descuido.

Nota-se também uma preocupação do autor com a preservação do meio-ambiente, no sentido de se opor à derrubada dos matos nos arredores dos povoados, e, também, de propiciar uma infra-estrutura para os meios de transporte, tendo em vista a necessidade de se estabelecer canais e boas estradas de terra.

As cópias manuscritas das memórias de José Vieira Couto fazem parte do acervo da Fundação Biblioteca Nacional e se encontram em bom estado de conservação.

Além dessas memórias, a Biblioteca Nacional possui também, em seu acervo, documentos manuscritos e impressos sobre os relatos produzidos pelos demais viajantes que percorreram as capitanias de Minas Gerais, de Goiás e do Rio de Janeiro, no século XIX.

Muitos desses documentos são preciosidades que contêm informações sobre a botânica, a flora, a mineralogia e a geologia do território brasileiro.

Notas

¹ COUTO, José Vieira. Memória sobre a capitania de Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia de João Inácio da Silva, 1874, t. 1.

² Revista Trimestral de História e Geografia. Rio de Janeiro: Tipografia Univcersal de Laemmert, 1848.

³ BOSCHI, Caio. Fontes primárias para a história de Minas Gerais em Portugal. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

SANTOS, Júlio César. Estrada Real: caminho do ouro nas Minas Gerais. Governo do estado de Minas Gerais: Queiroz Galvão. s.d. (ilustração).

Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial: 1500-1800 & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. 344 p.

_____. *Caminhos e povoamentos do Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 156 p.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1982. 239 p.

BOSCHI, Caio, *Fontes primárias para a história de Minas Gerais em Portugal*. 2 ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998. 112 p.

COSTA, Antônio Gilberto (org). *Cartografia da conquista do território das minas*: Lisboa: Kapa Editorial; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 244 p.

_____. et al. (org). *Os caminhos do ouro e a Estrada Real*: Belo Horizonte: UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.

COUTO, José Vieira. *Memória sobre a capitania de Minas Gerais, seu território, clima e produções metálicas*: sobre a necessidade de se restabelecer e animar a mineração decadente do Brasil: sobre o comércio e exportação dos metais e interesses régios. Com um apêndice sobre os diamantes e nitro natural. Tejuco, de 1799. 51 p.

_____. *Memória sobre as salitreiras naturais de Monte Rorigo*: maneira de auxiliá-las por meio das artificiais: refinaria do nitrato de potassa ou salitre, escrita no ano de 1803. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1809. 61 p.

_____. *Memória do dr. José Vieira Couto sobre as minas do Abaeté*. É um resumo da memória impressa no Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1842. 11 p.

_____. Itinerário do Tejuco à Vila Rica pelo caminho do Mato Grosso. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, ano X, fascículos I-II, p. 63-83, jan./jun. 1905.

_____. Itinerário de Vila Rica ao Tejuco pelo caminho do Campo, ou ao poente da Grande Serra. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, ano X, fascículos I-II, p. 121-134, jan./jun. 1905.

LEÃO, Flávio. *Caminho do ouro, caminho do mar: uma viagem a pé entre Parati e Ouro Preto pela antiga Estrada Real*. Belo Horizonte: Quanta, 2006. 399 p.